

“IDEOLOGIA DE GÊNERO”: JUDITH BUTLER NO BRASIL E OS MICROFASCISMOS NAS REDES SOCIAIS

ANA PAULA FREITAS MARGARITES¹;
CARLA GONÇALVES RODRIGUES²

¹ Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação – UFPel –
anamargarites@gmail.com

²Docente do Programa de Pós Graduação em Educação – UFPel – cgrm@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Em outubro de 2017, a filósofa estadunidense Judith Butler esteve na cidade de São Paulo participando do Seminário Internacional “Os Fins da Democracia”, organizado pela UC Berkeley (EUA) e pelo Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo. Naquela ocasião, manifestantes reuniram-se à frente do local onde o evento era realizado, protestando contra a presença de Butler no Brasil e exigindo, sem sucesso, o cancelamento de sua palestra. Grupos conservadores brasileiros vinham acusando Butler de ser a “criadora da ideologia de gênero”, responsabilizando-a pela ampliação do debate acerca de gênero e sexualidade nas escolas e outros espaços públicos. A manifestação culminou na queima de uma boneca que portava um chapéu de bruxa e tinha uma foto de Butler fazendo as vezes de rosto.

Esta pesquisa discute o papel dos sites de redes sociais (SRS) na promoção deste protesto, que foi articulado a partir de vídeos, *hashtags* no Twitter e no Facebook, além uma petição *online* que obteve mais de 300 mil assinaturas. Discutimos os dados a partir das noções de microfascismo (DELEUZE; GUATTARI, 2012), caixa de ressonância¹ (PFEFFER et al., 2013), performatividade de gênero (BUTLER, 2000, 2017) e da perspectiva foucaultiana de discurso (FOUCAULT, 2012).

A utopia democrática prometida pela internet vem até o momento demonstrando-se impraticável. Ainda que o acesso à informação seja hoje uma realidade para milhões de pessoas, a internet até agora não trouxe alívio para extremismos. Guattari (1993) entende que a “idade da comunicação planetária” (p. 176) vem marcada por uma série de paradoxos, como a democratização do acesso a dados e saberes que é contemporânea à ascensão de particularismos e racismos.

Neste cenário, destacamos a impossibilidade de se pensar em educação hoje sem considerar o impacto dos SRS no cotidiano escolar e universitário, uma vez que estes espaços se encontram impregnados pelos discursos que, circulando na internet, produzem modos de ser.

2. METODOLOGIA

Consideramos publicações em SRS contrárias à vinda da filósofa estadunidense Judith Butler ao Brasil em 2017 à luz da noção de microfascismo, pensando-o como prática autoritária cotidiana que se manifesta na intolerância à multiplicidade e à diferença (DELEUZE; GUATTARI, 2012). Para tanto, examinamos os vídeos “#FORABUTLER – A criadora da ideologia de gênero vem

¹ Tradução nossa para o termo *echo chamber*, utilizado pelos autores no texto consultado na língua inglesa.

ao Brasil²” e “A ideologia de gênero é um câncer para as crianças³”, bem como o texto de apresentação da petição “Cancelamento da palestra de Judith Butler no SESC Pompeia⁴”, que circularam no Facebook e no Twitter nos últimos meses de 2017.

Analisamos estes dados a partir do conceito foucaultiano de discurso (FOUCAULT, 2012), entendido aqui como uma proposição que adquire caráter de verdade, constituindo-se como um princípio aceitável de comportamento. Para o autor, o discurso é um campo em disputa que regula, governa e produz modos de ser. Procuramos, no material analizado, enunciados que fazem apelo à moralidade e que culminam em favorecer o aparecimento em microfascismos. Apoiamo-nos também em uma revisão teórica acerca do conceito de performatividade de gênero na obra de Butler (2000, 2017), buscando evidenciar relações e divergências entre seu pensamento e a interpretação deste conceito presente nos vídeos e textos discutidos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A articulação do protesto contra a presença de Butler no Brasil é marcada pela publicação do vídeo “#FORABUTLER – A criadora da ideologia de gênero vem ao Brasil” publicado no Youtube em 26 de outubro de 2017. No vídeo, o youtuber paranaense Bernardo P. Küster coloca Judith Butler como “a criadora da ideologia de gênero”, sendo necessário que os conservadores “combatam esta mulher” (KÜSTER, 2017).

De acordo com Küster, a ideologia de gênero criada por Butler se trata de um “véu” que encobre suas reais intenções; a ideia não seria incluir e defender minorias, mas sim implementar um projeto político contrário às noções estáveis de gênero. Adiante, o youtuber conclama “conservadores, cristãos, católicos, evangélicos e ateus” que não concordam com “estas coisas” a comparecerem no evento promovido pelo SESC e protestarem contra a presença de Butler.

O pânico causado pela instabilidade dos padrões de gênero torna-se estopim para o combate e silenciamento da autora, em atitude microfascista que faz pensar em “um microburaco negro, que vale por si mesmo e comunica com os outros, antes de ressoar num grande buraco negro central generalizado” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 100).

Küster também menciona uma petição cuja URL é publicado junto à descrição do vídeo. Em poucos dias, circulavam nos SRS diversos vídeos convidando todos a participarem da manifestação; no Twitter, o link do abaixo-assinado circulava acompanhado da hashtag #forabutler. Hospedada no site estadunidense *CitizenGo*, a petição contava com mais de 350.000 assinaturas em poucas semanas. No texto introdutório, o conceito de performatividade de gênero de Butler é apresentado como uma proposição “para que as pessoas vivenciem todo tipo de experiência sexual” (CITIZENGO, 2017, *online*).

Em um vídeo no canal do MBL no Youtube publicado no mesmo período, o ativista Kim Kataguiri define a ideologia de gênero como “um movimento que prega que você não nasce com nenhum sexo biológico, mas que na verdade você se torna o que você quiser ser”, contrariando “um dos princípios básicos da

² KÜSTER, Bernardo P. #FORABUTLER – A criadora da ideologia de gênero vem ao Brasil. Youtube. 26 out. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7I348rFl7_o>. Acesso em: 20 fev. 2018.

³ MBL. A ideologia de gênero é um câncer para as crianças. Youtube. 22 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CD8hh85C9AI>>. Acesso em 20 fev. 2018.

⁴ CITIZENGO. Cancelamento da palestra de Judith Butler no SESC Pompeia. 26 out. 2017. Disponível em: <<http://www.citizenngo.org/pt-br/fm/108060-cancelamento-da-palestra-judith-butler-no-sesc-pompeia>>. Acesso em 20 mar. 2018.

ciência, que é de que homens e mulheres são diferentes por natureza. Eles têm cromossomos, corpos, cérebros e hormônios diferentes” (MBL, 2017).

O uso do conceito de “ideologia de gênero” na fala de Kataguiri aparece “conjurando um tipo de marxismo ‘bicho-papão’” (SCOTT, 2012, p. 329), buscando provocar uma espécie de pânico moral frente à corrupção de jovens que seriam estimulados a praticar todo tipo de experiência sexual. Mais do que isso, a fala de Kataguiri faz um apelo direto às mulheres, que teriam seus direitos cerceados por uma ideologia que pretende “acabar com as diferenças”. Tais diferenças são a todo tempo reafirmadas como “algo bom” por Kataguiri, que insiste na natureza “objetiva” do sexo biológico em contraste ao gênero, culturalmente constituído. O discurso amplificado por Kataguiri faz apelo simultaneamente a uma moral conservadora e a um discurso científico que reafirma a diferença, em termos de oposição, entre os sexos.

Consideramos que estas interpretações superficiais da noção de performatividade de gênero para Butler levaram a um pânico moralizante que desencadeou essa série de reações microfascistas. Por um lado, as críticas identificadas no discurso anti-Butler presente no material analisado descrevem a performatividade como uma escolha: de acordo com seus detratores, a teoria proposta pela autora pregaria a inexistência ou indeterminação do sexo biológico, de forma que o sujeito poderia tornar-se o que quisesse. Por outro lado, na perspectiva da autora entende-se que os papéis de gênero são produzidos performativamente através de práticas discursivas, citacionais e reiterativas que fabricam os efeitos que nomeiam (BUTLER, 2000).

A autora afirma que o gênero não está para a cultura enquanto o sexo está para a natureza; o gênero também produz o sexo, colocando-o como uma dualidade (macho / fêmea) que é então estabelecida no lugar pré-discursivo da natureza (BUTLER, 2017). Nesta perspectiva, a natureza do sexo não preexiste à discursividade que a determina. Butler argumenta que o sexo de um corpo não é dado ou estático, mas um processo através do qual normas sociais demarcam os corpos que controlam. Assim, tanto sexo quanto gênero são discursivos e produzidos historicamente, e não a partir da “natureza” ou através de “escolhas” que os sujeitos possam fazer consciente e deliberadamente.

Esta desestabilização de certezas promovida por Butler levou a um repúdio à sua presença no Brasil, concidindo com uma onda de conservadorismo (DEMIER; HOEVELER, 2016) que cresce no país nos últimos anos. Tal onda levou também ao fechamento de exposições, censura de obras de arte e até mesmo a ameaças de morte a professores universitários envolvidos em pesquisas relacionadas aos campos de gênero e sexualidade. Em comum, estes eventos envolvem mobilizações nos SRS que partem majoritariamente de grupos declaradamente conservadores e / ou de direita que apregoam o combate à “ideologia de gênero” através do silenciamento de debates sobre sexualidade em escolas e universidades.

A dificuldade de pôr em debate estas interpretações passa pelo próprio funcionamento dos SRS. Tem sido dito que as redes favorecem o surgimento de *echo chambers* (PFEFFER, 2013) – caixas de ressonância onde são repetidas a todo momento as mesmas opiniões. A noção de *echo chamber* descreve a forma como, ao vermos opiniões semelhantes às nossas publicadas na internet, entendemos que todos (ou a maioria) pensam da mesma maneira. Uma vez que os algoritmos de funcionamento dos SRS são projetados de forma a exibir cada vez mais conteúdo publicado pelos usuários com quem mais interagimos, forma-se assim uma “bolha” de opiniões semelhantes, territorializando-nos em polos ideológicos cada vez mais extremos.

4. CONCLUSÕES

No contexto que se coloca, pensamos que algumas configurações assumidas pelos SRS podem enrijecer-se, cristalizando-se como um itinerário fechado de opiniões determinadas. O discurso que aponta Butler como “criadora da ideologia de gênero” e busca seu silenciamento a partir de atitudes microfascistas faz apelo a uma moralidade conservadora, que teme a desestabilização de concepções já consolidadas de gênero e sexualidade.

Desta forma, a rede transforma-se em uma estrutura rígida que a descaracteriza, portanto, como multiplicidade. Não podemos desconsiderar que as caixas de ressonância que reafirmam opiniões na internet podem emergir em qualquer contexto, “fascismo rural e fascismo de cidade ou bairro, fascismo jovem e fascismo ex-combatente, fascismo de esquerda e direita, de casal, de família, de escola ou de repartição” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 100).

A utopia democrática de comunicação e entendimento globais trazida pela internet apresenta-se inalcancável e, no entanto, prescindir do uso destas ferramentas parece também fora de questão. O problema que se coloca é como pensar em alternativas para os microfascismos favorecidos pelos SRS por dentro destas mesmas redes, fabricando novos modos de uso para sites que, até o momento, parecem apenas favorecer a cristalização de opiniões.

Butler (2017) apostava numa coalisão das minorias sexuais para que se supere as categorias identitárias, acreditando nesta união como possibilidade para a dissipação da violência imposta por restrições que normatizam os corpos. Falando sobre a relação da filosofia com outros discursos, a autora discorre que “a questão não é permanecer marginal, mas participar de todas as redes de zonas marginais geradas a partir de outros centros disciplinares, que juntas, constituam um deslocamento múltiplo dessas autoridades” (p. 13). As coalisões e redes aparecem para a autora como alternativas de resistência e subversão, inspirando-nos a continuar exercitando o pensamento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do ‘sexo’. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 110-127.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **Mil Platôs:** capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto et alii. São Paulo: Editora 34, 2012.
- DEMIER, Felipe; HOEVELER, Rejane (orgs.). **A onda conservadora:** Ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- GUATTARI, Felix. Da Produção de Subjetividade. In: PARENTE, André (org.). **Imagem Máquina:** A Era das Tecnologias do Virtual. Tradução de Rogério Luz et alii. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. p. 177-191.
- PFEFFER, Jürgen; ZORBACH, T; CARLEY, K. M. Understanding online firestorms: Negative word-of-mouth dynamics in social media networks. **Journal of Marketing Communications.** v. 20, n. 1. 2013.
- SCOTT, Joan. Os usos e abusos do gênero. **Projeto História**, São Paulo, n. 45, p. 327-351, Dez. 2012.